

CONTRA OS INIMIGOS DE ISRAEL (SL 83)

Luciano R. Peterlevitz

1. Estrutura

- A. Invocação e apelo: v. 2
- B. O inimigo se levanta contra Javé: v. 3-9
- C. O inimigo é humilhado por Javé: v. 10-18
- D. Conclusão: v. 19

2. Composição e época do Salmo 83

O salmo 83 é considerado como uma súplica coletiva, onde se pede o julgamento contra os inimigos de Israel. O salmo pode ser classificado no grupo dos chamados *salmos de súplica nacional*. Não se trata de um salmo de um indivíduo, mas sim do povo em sua totalidade. O lugar vivencial, desses tipos de salmos, é os dias de oração e penitência, que tinham lugar no contexto de calamidade nacional¹, como é o caso do salmo 83.

É difícil datar este salmo. Ele parece dar a entender um contexto onde é feita uma aliança internacional de alguns povos, que procuram destruir Israel e apagar o nome deste para sempre da história. No entanto, em nenhum momento todos os dez povos alistados se uniram conjuntamente contra Israel. Os dez povos seriam um símbolo do perigo iminente, da ameaça de destruição.

O que podemos julgar é que a promessa da terra está sendo ameaçada por inimigos que querem banir Israel da história (v. 4-5). Sabe-se que a hostilidade entre o povo de Javé e os povos alistados nos versos 7-9 perdurou até uma época tardia, como lemos em 2Cr 20,1-5; Ne 2,19 e 1Mc 5,3-4. No entanto, Artur Weiser advoga que pelo fato de os versos 7-9 não se referirem a uma situação concreta histórica, não podemos relacionar o Sl 83 nem com 2Cr 20 (séc. IX), nem com 2Cr 26,6-10 (séc.VIII), e nem ainda tardiamente, com 1Mc 5. Segundo Weiser, o salmo não tem em vista uma situação histórica, antes, constitui-se numa interpretação que parte da situação cultural².

1. DRIJUERS, Pius. *Los Salmos – Introduccion a su contenido espiritual e doctrinal*. Editorial Herder. Barcelona, 1964.

2. WEISER, Artur. *Os Salmos*. Tradução Edwino A. Royer. São Paulo: Paulus, 1994. p. 427. A justificação de Weiser para tal argumento é encontrada na mesma página citada: “(...) a ênfase freqüente de que os que devem ser atingidos pelo julgamento são propriamente inimigos de Javé, e o reconhecimento final de Deus, que no v. 19 aparece como meta desse julgamento, estão a apontar antes para a idéia teológica fundamental da celebração do culto do que para uma concreta preocupação do povo perante uma guerra (...)”.

Kraus advoga que o salmo é escrito do ponto de vista do reino do sul, pois ele menciona povos e coligações do sul da Palestina (v. 7-9). Então o salmo procede das tradições culturais de Jerusalém, para as quais o “ataque das nações” representa um determinado elemento imaginativo. A menção da Assíria leva Kraus a concluir que o salmo foi composto numa época anterior ao exílio³.

No entanto, o fato de não se mencionar nem Jerusalém nem o Templo, parece favorecer a suposição que este salmo originalmente é oriundo do Norte. Considerando isso, a época pode lembrar a invasão assíria em 722 aC. O rei assírio Teglat-Falasar III (745-727 aC) desenvolveu um sistema de gradual aniquilamento dos seus vassallos, cujo objetivo era a deportação da elite nativa e o assentamento de uma elite estrangeira. Seus sucessores, Salmanasar V (727-722 aC) e Sargon II (722-705 aC) levaram adiante seu método. Com o sítio assírio à Samaria, em 722 aC, liderado por Sargon II, ocorre a miscigenação, a implantação de povos estrangeiros em Israel, e conseqüentemente, a perda de identidade do mesmo, fato que corroborou com o banimento do Norte da história. Esse parece ser o contexto original do verso 5: “Vinde, vamos removê-los do meio das nações, e nome de Israel nunca mais será lembrado”.

A semelhança do salmo 80, parece que o salmo 83 contém elementos antigos oriundos do Norte, no entanto, no decorrer do tempo e das celebrações cômicas, sofreu diversas alterações e contextualizações. Sendo assim, parece que a frase “Vinde, vamos removê-los do meio das nações, e o nome de Israel nunca mais será lembrado”, no verso 5, é um elemento antigo, que provavelmente lembra a invasão assíria em 722 aC, como falamos anteriormente. Também a memória, nos versos 10-12, onde se celebra a vitória dos juizes, parece ser uma adaptação do Sul das tradições nortistas. Afinal, o texto de Jz 3,12–9,55, onde está registrado os fatos lembrados nos versos 10-12, do Sl 83, originalmente é oriundo do Norte, que recebeu posteriormente várias redações deuteronomistas⁴. Já a lista fictícia dos versos 7-9 parece lembrar uma influência dos profetas exílicos (Ezequiel) e pós-exílicos (Zacarias), o que leva o salmo para a época de tais profetas (séc. VI), bem como corrobora a possibilidade deste trecho proceder das tradições judaítas. A ameaça da tomada da propriedade de Elohim, no verso 13, pode originalmente ser uma designação da Samaria, que posteriormente fora aplicado a Jerusalém, na ocasião do sítio babilônico, no início do século VI aC.

Ao comentarmos este texto, procuraremos evidenciar um pouco mais as questões que até aqui foram levantadas.

3. Comentário

A. Introdução: invocação e apelo (v. 2)

O verso 2, que pode ser considerado como uma introdução, inicia-se com o termo *Elohim*, e termina com o termo *El*. Lemos aqui um “(...) apelo urgente dirigido a

3. KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos – Sal 6-150*. Vol. II. Tradução Constantino Ruiz-Garrido. Ediciones Sigueme, Salamanca, 1995 *op. cit.*, p. 245.

4. DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. I. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 182.

Deus para que faça alguma coisa, pois o povo tem a impressão de que ele está calado, mudo e paralisado”⁵.

B. O inimigo se levanta contra Javé (v. 3-9)

O verso 3 inicia-se com duas expressões: o termo *kî*, “eis que”, para descrever a situação de calamidade, e a palavra *hineh, olhe!* Estes termos chamam atenção de Javé para o perigo iminente. A expressão “levantam a cabeça” é símbolo de uma atitude arrogante e consciente da vitória (Sl 110,7); é um gesto de superioridade, usado com o verbo *rwm*, com *ns’* (Jó 10,15). O termo *r’sh*, associado com *ns’*, “erguer”, é também usado em Eclo 33,26, referindo-se a insubordinação do escravo ao seu senhor. O termo, então, dá idéia de insubordinação, rebeldia⁶.

O verbo *hnh*, traduzido como “agitar”, significa um inquietar-se que se manifesta em ruído, ou um ruído efetuado por uma agitação⁷. Neste salmo, esse termo significa o rumor ou estrondo dum multidão que se agita como o mar (Is 51,15; Jr 5,22; Sl 46,4), semelhantemente ao texto de Is 17,12-14, que é notável pela onomatopéia⁸.

Os versos 6-9 alistam dez inimigos que intentam destruir Israel. Mais uma vez, aparece o termo *kî*, “eis que”, para introduzir a lista dos aliados, com um sinal de pausa. Gunkel afirmou que tal lista seria uma situação desconhecida entre Esdras e Alexandre Magno⁹. No entanto, nunca na história dos hebreus tais inimigos se uniram, todos de uma só vez, para destruir Israel. Por que então, a menção de tais inimigos que se levantam contra o povo de Deus, e principalmente, contra Deus (“contra ti” – v. 6)? Como entender a expressão “todos com um só coração”? Esses dez povos uniram-se conjuntamente contra o povo de Deus?

Quanto à enumeração dos dez povos, Schökel defende que se trata de agrupação cronologicamente irreal. Cita o exemplo de Ezequiel, que inventa uma coalizão capitaneada pelo misterioso (Ez 38). Também Zacarias menciona uma aliança contra Jerusalém (Zc 12,3-5; 14,1-3). Ambos os textos têm caráter escatológico. Sendo assim, o Salmo 83 assemelha-se com as séries de coleções proféticas; as vitórias mencionadas contra Madiã e Jabin, mesmo tendo em certo fundo histórico, possuem elementos lendários. “Em conclusão, inclino-me a considerar o salmo como composição artificial, utilizável em qualquer conjuntura bélica, e que mais tarde se leu com projeção escatológica”¹⁰.

5. KIDNER, Derek. *Salmos 73-150. Introdução e Comentário aos Livros III a V dos Salmos*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão. 1981. p. 345.

6. SCHÖKEL, Luís Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico – Português*. Tradução Ivo Storniolo, José Bortolini. – São Paulo: Paulus, 1997, p. 599.

7. SCHÖKEL, *op. cit.*, p. 181.

8. SCHÖKEL, Luís Alonso/ CARNITI, Cecília. *Salmos II (Salmos 73-150) – Tradução, introdução, e comentário*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1998, p. 1066

9. KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos. op. cit.*, p. 244, citando Gunkel.

10. SCHÖKEL, Luís Alonso. *Op. cit.*, p. 1064.

Derek Kidner também acredita que o salmo não se refere a uma aliança específica, mas à perene agressão do mundo contra Deus e Seu povo. “Pode ser que este salmo fosse produto da consciência habitual deste fato; poderia, igualmente, ter surgido do contexto de um rito que dramatizava este conflito, se existiu tal rito”¹¹, diz Kidner.

Então, parece que o texto quer reunir os principais inimigos de Israel, que em momentos diferentes da história intentaram a destruição do mesmo. Seria um tipo de ficção literária para representar os principais inimigos de Israel em diferentes momentos de sua história. Mas o contexto em que surge tal ficção literária parece ser um momento de ameaça nacional, um momento em que a propriedade de Javé, Jerusalém, está sendo tomada pelos inimigos (v. 13); isso provavelmente lembra a ameaça babilônica no século VI aC.

Discute-se sobre a menção de “Assur” no verso 9. Seria a Síria dos selêucidas (Judite 16,3) ou seria a tribos dos assuritas (Gn 25,3; Nm 24,22; 2 Sm 2,9)? Gunkel opta por esta última, que seria uma tribo estabelecida no norte da Arábia¹². No entanto, se optarmos que pela interpretação que advoga que o texto é um tipo de ficção literária, que simbolicamente representa todos os inimigos do povo de Javé em todas as épocas, a discussão em torno do termo “Assur” torna-se irrelevante. Seja um povo ou uma tribo, de qualquer forma, eram inimigos de Israel e de Javé.

3. O inimigo é humilhado por Javé (v. 10-18)

Se os versos 6-9 alistam um acontecimento fictício, os versos 10-13 alistam acontecimentos reais que se configuraram na história israelita, lembrando a época dos juizes. Suplica-se o julgamento de Javé, tal qual julgou Madiã através de Gedeão (Jz 6); Sísara e Jabin, através de Débora, Jael e Barac (Jz 4-5); Oreb, Zeb, Zebá e Sálmana, através de Gedeão (Jz 7,25; 8,5-21). Por que não seria a Assíria?

Para alguns comentaristas, o verso 13 parece lembrar a intenção ambiciosa da torre de Babel: “Tomemos posse dos domínios de Deus”. O termo que a Bíblia de Jerusalém traduz como “domínios” é *ne’ot* construto plural de *nawah*, que pode ser traduzido como “habitação”, “morada”. Levanta-se uma questão: a “habitação” seria a casa de Elohim, os céus, ou seria a terra prometida aos israelitas, a “herança” prometida aos pais? Parece que o termo designa a terra prometida como propriedade de Javé, particularmente Jerusalém como lugar escolhido (2Sm 15,25; Jr 25,30), a propriedade da justiça (Jr 50,7)¹³. Então, o verso 13 demonstra a tentativa dos inimigos de Israel de aniquilar o senhorio de Javé, destruindo seu país (Jr 31,23). Logo, o verso 13 não parece lembrar a torre de Babel, mas a ameaça do inimigo à propriedade de *Elohim*. Pelo fato de proceder imediatamente a memória dos versos 10-12, que lembra as tradições nor-

11. KIDNER, Derek. Salmos 73-150. *Introdução e Comentário aos Livros III a V dos Salmos*, p. 326.

12. GUNKEL, Hermam. *Genesis*, 190ss. Citado por Kraus, Hans-Joachim. *Los Salmos*. op. cit., p. 246.

13. SCHÖKEL, Luís Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 424. Ainda outros textos ligam o termo a Jerusalém: Is 1,26; Ex 15,13; Is 33,20; 32,18; Jr 25,37.

tistas dos juizes, pode ser que o verso 13 seja originalmente do Norte, mas que num processo traditivo sulino foi adaptado como uma referencia a Jerusalém.

Os versos 14-16 usam alguns fenômenos climáticos como símbolos do julgamento divino. As expressões “fogo”, “chama”, “tempestade” e “furacão” parecem lembrar a teofania de Javé; são elementos que se apresentam numa guerra santa.

4. Conclusão: o objetivo do julgamento (v. 19)

O verso 19 menciona o objetivo de tal julgamento: “saberão assim que só tu tens o nome de Iahweh...”. O termo *weyede’u* “e saberão” (e reconheçam) é muito usado por Ezequiel (Ez 6,7). Aqueles que se levantam contra Israel não se levantam somente contra Israel, mas contra seu Deus, Javé. E quando os inimigos de Israel vencem, não somente esses inimigos vencem, mas também, seus deuses. Por isso, a vitória de Israel significaria a supremacia de Javé sobre os deuses cananeus¹⁴, e os adoradores desses deuses reconheceriam que somente Javé é Deus. A última palavra no salmo não demonstra um desejo de vingança de Israel contra seus inimigos, mas demonstra um interesse para que tais inimigos conheçam a Javé.

Bibliografia

- BÍBLIA, Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova Edição, Revista. São Paulo: Paulus, 1985.
- DRIJUERS, Pius. *Los Salmos – Introduccion a su contenido espiritual e doctrinal*. Editorial Herder. Barcelona, 1964.
- KIDNER, Derek. *Salmos 73-150. Introdução e Comentário aos Livros III a V dos Salmos*. Trad. Gordon Chown. 1ª Edição. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1981.
- KRAUS, Hans – Joachim. *Los Salmos – Sal 6-150*. Vol. II. Tradujo Constantino Ruiz-Garrido. Ediciones Sígueme, Salamanca, 1995.
- SCHÖKEL, Luís Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico – Português*. Tradução Ivo Storniolo, José Bortolini. – São Paulo: Paulus, 1997.
- SCHÖKEL, Luís Alonso/ CARNITI, Cecília. *Salmos II (Salmos 73-150) – Tradução, introdução, e comentário*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1998.
- STADELMANN, Luís I.J. *Os Salmos – Comentário e Oração*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- WEISER, Artur. *Os Salmos*. Tradução Edwino A. Royer. São Paulo: Paulus, 1994.

14. STADELMANN, Luís I.J. *Os Salmos – Comentário e Oração*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 435.